

O homem que tinha urgência de viver

Era outono e azul quando apresentei-me a Fernando Pessoa. Recostado num sofá de napa amarela, a tarde mergulhada no para-sempre de Cataguases, suas palavras grudaram, chicletes no cabelo. Adveio ânsia, febre, sede de estabelecer-me no mundo: tornamo-nos íntimos. Sucederam-se os dias, as paisagens, os rostos, e cresceu em mim a convicção de que, mais que poeta, convivia com um grande ficcionista. Tão original que, a criar personagens em romances, preferiu dotá-los de nome, biografia, autonomia, personalidade – e chamou-os “heterônimos”. Espreado em cada um deles, as contradições, as excentricidades, os inconfessáveis desejos. Mas, como nos pais já estão engendradas as marcas indeléveis do filho, para Pessoa confluem todas as nossas inquietudes.

Sempre imaginei como seria abordá-lo pela manhã, antes de, lavado o rosto, estabelecer-se à frente do espelho para escolher a máscara com que enfrentaria o mundo. Ouso dizer que *Quando fui outro* tem essa pretensão: espiar o homem em sua vida verdadeira, “que é a que sonhamos na infância, / E que continuamos sonhando, adultos, num substrato de névoa”. Pessoa desvestido de seus heterônimos. Insuflado por Isa Pessoa, que traz no próprio nome a sina, aceitei o desafio e o que se desdobra daqui para a frente é leitura pessoal, arriscada e perigosa, como é a vida. Os especialistas que autopsiaram-no em milhares de artigos, e os antologistas que recortaram-no em diversos temas, devem se indignar – mas esse é um livro para apaixonados e os apaixonados cegam-nos a beleza e é beleza que ofereço.

Dificuldade, se houve – e houve –, foi limitar-me a um número específico de textos, pois que tropeçamos a todo momento em versos, frases e imagens únicas espa-

lhadas por mais de 25 mil originais em português, inglês e francês, escritos sob uma dezena de heterônimos, tratando assuntos os mais díspares, comércio e religião, maçonaria e astrologia, teoria literária e história, estética e gramática, filosofia e política. Profusão de interesses que denota a desesperada tentativa de compreender o homem em sua totalidade. Para dedicar-se a essa investigação, no entanto, Pessoa teve que renunciar às “ficções sociais” – até mesmo à felicidade pessoal, como explica a Ophélia Queiroz, talvez a única mulher que tenha amado: “a minha vida gira em torno da minha obra literária – boa ou má, que seja, ou possa ser. Tudo o mais na vida tem para mim um interesse secundário”¹.

Reunindo poemas, fragmentos do “romance sem ação” *Livro do Desassossego*, ensaios e cartas, *Quando fui outro* ressalta a impressionante unidade temática da obra de Pessoa – este sentir-se “estrangeiro aqui como em toda parte” – e a absoluta simbiose entre vida e arte, resumida numa frase que é um completo programa estético: “Toda a literatura consiste num esforço para tornar a vida real”.

1 Pessoa conheceu Ophélia Queiroz em fevereiro de 1920. Em 1º de março iniciam uma troca de correspondência e o namoro. Em outubro, o poeta atravessa uma grave crise psíquica, pensando mesmo em internar-se, até que em 29 de novembro rompe com Ophélia. Nove anos depois, ela escreve a Pessoa agradecendo a foto que o poeta lhe enviara, a seu pedido. Em 11 de setembro de 1929, ele responde e retoma a relação com Ophélia, rompida novamente, e em definitivo, em janeiro de 1930. Em junho de 1935 ela recebe o último telegrama de Pessoa e mais à frente um exemplar autografado de *Mensagem*. Em 1938, casou-se com o teatrólogo Augusto Soares, morrendo em 1991, aos 91 anos. No total, foram 51 cartas destinadas à Ophélia: 36 entre 1º de março e 29 de novembro de 1920; 12 entre 11 de setembro de 1929 e 11 de janeiro de 1930; e três sem data).

Negando realidade às aparências, Pessoa nos convida a assumir a plenitude humana, que é enxergar para além, que é olhar para dentro de nós mesmos. Humildemente, aceitemos o convite.

Luiz Ruffato

TABACARIA

Não sou nada.

Nunca serei nada.

Não posso querer ser nada.

À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.

Janelas do meu quarto,

Do meu quarto de um dos milhões do mundo que

[ninguém sabe quem é

(E se soubessem quem é, o que saberiam?),

Dais para o mistério de uma rua cruzada

[constantemente por gente,

Para uma rua inacessível a todos os pensamentos,

Real, impossivelmente real, certa, desconhecidamente

[certa,

Com o mistério das coisas por baixo das pedras e dos seres,

Com a morte a pôr umidade nas paredes e cabelos

[brancos nos homens,

Com o Destino a conduzir a carroça de tudo pela

[estrada de nada.

Estou hoje vencido, como se soubesse a verdade.

Estou hoje lúcido, como se estivesse para morrer,

E não tivesse mais irmandade com as coisas

Senão uma despedida, tornando-se esta casa e este

[lado da rua

A fileira de carruagens de um comboio, e uma partida

[apitada

De dentro da minha cabeça,

E uma sacudidela dos meus nervos e um ranger de ossos
[na ida.

Estou hoje perplexo, como quem pensou e achou
[e esqueceu.

Estou hoje dividido entre a lealdade que devo
À Tabacaria do outro lado da rua, como coisa real
[por fora,
E à sensação de que tudo é sonho, como coisa real
[por dentro.

Falhei em tudo.

Como não fiz propósito nenhum, talvez tudo fosse nada.
A aprendizagem que me deram,
Desci dela pela janela das traseiras da casa.
Fui até ao campo com grandes propósitos.
Mas lá encontrei só ervas e árvores,
E quando havia gente era igual à outra.
Saio da janela, sento-me numa cadeira. Em que hei
[de pensar?

Que sei eu do que serei, eu que não sei o que sou?
Ser o que penso? Mas penso ser tanta coisa!
E há tantos que pensam ser a mesma coisa que não
[pode haver tantos!

Gênio? Neste momento

Cem mil cérebros se concebem em sonho gênios como
[eu,

E a história não marcará, quem sabe?, nem um,
Nem haverá senão estrume de tantas conquistas
[futuras.

Não, não creio em mim.

Em todos os manicômios há doidos malucos com
[tantas certezas!
Eu, que não tenho nenhuma certeza, sou mais certo ou
[menos certo?
Não, nem em mim...
Em quantas mansardas e não-mansardas do mundo
Não estão nesta hora gênios-para-si-mesmos sonhando?
Quantas aspirações altas e nobres e lúcidas –
Sim, verdadeiramente altas e nobres e lúcidas –,
E quem sabe se realizáveis,
Nunca verão a luz do sol real nem acharão ouvidos de
[gente?
O mundo é para quem nasce para o conquistar
E não para quem sonha que pode conquistá-lo, ainda
[que tenha razão.
Tenho sonhado mais que o que Napoleão fez.
Tenho apertado ao peito hipotético mais humanidades
[do que Cristo.
Tenho feito filosofias em segredo que nenhum Kant
[escreveu.
Mas sou, e talvez serei sempre, o da mansarda,
Ainda que não more nela;
Serei sempre *o que não nasceu para isso*;
Serei sempre só *o que tinha qualidades*;
Serei sempre o que esperou que lhe abrissem a porta
[ao pé de uma parede sem porta,
E cantou a cantiga do Infinito numa capoeira,
E ouviu a voz de Deus num poço tapado.
Crer em mim? Não, nem em nada.
Derrame-me a Natureza sobre a cabeça ardente
O seu sol, a sua chuva, o vento que me acha o cabelo,
E o resto que venha se vier, ou tiver que vir, ou não
[venha.

Escravos cardíacos das estrelas,
Conquistamos todo o mundo antes de nos levantar da
[cama;

Mas acordamos e ele é opaco,
Levantamo-nos e ele é alheio,
Saímos de casa e ele é a terra inteira,
Mais o sistema solar e a Via Láctea e o Indefinido.

(Come chocolates, pequena;
Come chocolates!
Olha que não há mais metafísica no mundo senão
[chocolates.
Olha que as religiões todas não ensinam mais que a
[confeitaria.

Come, pequena suja, come!
Pudesse eu comer chocolates com a mesma verdade
[com que comes!
Mas eu penso e, ao tirar o papel de prata, que é de
[folha de estanho,
Deito tudo para o chão, como tenho deitado a vida.)

Mas ao menos fica da amargura do que nunca serei
A caligrafia rápida destes versos,
Pórtico partido para o Impossível.
Mas ao menos consagro a mim mesmo um desprezo
[sem lágrimas,
Nobre ao menos no gesto largo com que atiro
A roupa suja que sou, sem rol, pra o decurso das coisas,
E fico em casa sem camisa.

(Tu que consolas, que não existes e por isso consolas,
Ou deusa grega, concebida como estátua que fosse viva,
Ou patrícia romana, impossivelmente nobre e nefasta,

Ou princesa de trovadores, gentilíssima e colorida,
Ou marquesa do século dezoito, decotada e longínqua,
Ou cocote célebre do tempo dos nossos pais,
Ou não sei quê moderno – não concebo bem o quê –,
Tudo isso, seja o que for, que sejas, se pode inspirar
[que inspire!

Meu coração é um balde despejado.
Como os que invocam espíritos invocam espíritos
[invoco

A mim mesmo e não encontro nada.
Chego à janela e vejo a rua com uma nitidez absoluta.
Vejo as lojas, vejo os passeios, vejo os carros que passam,
Vejo os entes vivos vestidos que se cruzam,
Vejo os cães que também existem,
E tudo isto me pesa como uma condenação ao degredo,
E tudo isto é estrangeiro, como tudo.)

Vivi, estudei, amei e até cri,
E hoje não há mendigo que eu não inveje só por não
[ser eu.

Olho a cada um os andrajos e as chagas e a mentira,
E penso: talvez nunca vivesses nem estudasses nem
[amasses nem cresses
(Porque é possível fazer a realidade de tudo isso sem
[fazer nada disso);

Talvez tenhas existido apenas, como um lagarto a
[quem cortam o rabo
E que é rabo para alguém do lagarto remexidamente.

Fiz de mim o que não soube,
E o que podia fazer de mim não o fiz.
O dominó que vesti era errado.

Conheceram-me logo por quem não era e não desmenti,
[e perdi-me.

Quando quis tirar a máscara,

Estava pegada à cara.

Quando a tirei e me vi ao espelho,

Já tinha envelhecido.

Estava bêbado, já não sabia vestir o dominó que não

[tinha tirado.

Deitei fora a máscara e dormi no vestiário

Como um cão tolerado pela gerência

Por ser inofensivo

E vou escrever esta história para provar que sou sublime.

Essência musical dos meus versos inúteis,

Quem me dera encontrar-te como coisa que eu fizesse,

E não ficasse sempre defronte da Tabacaria de defronte,

Calcando os pés a consciência de estar existindo,

Como um tapete em que um bêbado tropeça

Ou um capacho que os ciganos roubaram e não valia

[nada.

Mas o Dono da Tabacaria chegou à porta e ficou à

[porta.

Olho-o com o desconforto da cabeça mal voltada

E com o desconforto da alma mal-entendendo.

Ele morrerá e eu morrerei.

Ele deixará a tabuleta, eu deixarei versos.

A certa altura morrerá a tabuleta também, e os versos

[também.

Depois de certa altura morrerá a rua onde estive a

[tabuleta,

E a língua em que foram escritos os versos.

Morrerá depois o planeta girante em que tudo isto se
[deu.
Em outros satélites de outros sistemas qualquer coisa
[como gente
Continuará fazendo coisas como versos e vivendo por
[baixo de coisas como tabuletas,
Sempre uma coisa defronte da outra,
Sempre uma coisa tão inútil como a outra,
Sempre o impossível tão estúpido como o real,
Sempre o mistério do fundo tão certo como o sono de
[mistério da superfície,
Sempre isto ou sempre outra coisa ou nem uma coisa
[nem outra.

Mas um homem entrou na Tabacaria (para comprar
[tabaco?)
E a realidade plausível cai de repente em cima de mim.
Semiergo-me enérgico, convencido, humano,
E vou tencionar escrever estes versos em que digo o
[contrário.

Acendo um cigarro ao pensar em escrevê-los
E saboreio no cigarro a libertação de todos os
[pensamentos.
Sigo o fumo como uma rota própria,
E gozo, num momento sensitivo e competente,
A libertação de todas as especulações
E a consciência de que a metafísica é uma consequência
[de estar mal disposto.

Depois deito-me para trás na cadeira
E continuo fumando.
Enquanto o Destino mo conceder, continuarei fumando.

(Se eu casasse com a filha da minha lavadeira
Talvez fosse feliz.)
Visto isto, levanto-me da cadeira. Vou à janela.

O homem saiu da Tabacaria (metendo troco na
[algibeira das calças?]).

Ah, conheço-o; é o Esteves sem metafísica.

(O Dono da Tabacaria chegou à porta.)

Como por um instinto divino o Esteves voltou-se e
[viu-me.

Acenou-me adeus, gritei-lhe *Adeus ó Esteves!*, e o

[universo

Reconstruiu-se-me sem ideal nem esperança, e o Dono
[da Tabacaria sorriu.